

# Uma leitura do cotidiano das mulheres no Acre (1907-1917)

Ruth Lucimar Gomes  
Mestre em História/UNIVERSO  
lucimar\_g@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo faz uma leitura do cotidiano das mulheres no Acre entre 1907 a 1917 por meio dos periódicos de toda a região acreana. O tempo transcorrido da pesquisa foi no período em que o Acre era território e almejava se tornar estado. Com um movimento político muito forte que usava os jornais como instrumento de divulgação de suas ideias, vê-se nos periódicos que os esforços se concentravam em mostrar que ali viviam pessoas civilizadas, capazes e prontas para se integrar ao restante do país e as mulheres tiveram participação importante nesse intento.

**Palavras chaves:** Mulheres, Cotidiano, Acre

**Abstract:** This article is a reading of the life of women in Acre between 1907-1917 through the journals of the entire region. The timespan of the research was the period in which the Acre was a territory and wished to become a state. With a very strong political movement that used the newspapers as a tool to disseminate their ideas, one sees in the newspapers that efforts were concentrated on showing that civilized people lived there, able and ready to integrate with the rest of the country and the women had participation in this important goal.

**Key words:** Women, Daily Life, Acre

## Introdução

No presente trabalho, foi proposto analisar o cotidiano das mulheres no Acre entre 1907 e 1917, pela via da história cultural, para isso foram utilizados alguns periódicos que circulavam nesse período, seguindo a orientação de Georges Duby e Michelle Perrot<sup>1</sup> que afirmam que não deve ser a mulher o objeto da história, mas o seu lugar, sua condição, seus papéis. Portanto, não é a mulher o objeto desse estudo, mas sim, o seu dia-a-dia, o trabalho, o lazer, a saúde, a loucura, as dificuldades de sobrevivência, as relações com o sexo oposto, os conflitos, a violência; a vida em todas as suas dimensões.

As mulheres que fizeram parte da formação social do Acre contribuíram em vários aspectos para o seu desenvolvimento. Tanto as que ocuparam os seringais, na companhia do homem, no cuidado com a casa e com os filhos e até no trabalho pesado na floresta; quanto as que participaram do nascimento das primeiras cidades e lá, além de cuidar da casa e da família, foram professoras, costureiras, lavadeiras, vendedoras. Todas, de forma bastante peculiar, fizeram parte da história do Acre.

Foi percorrida a via da história cultural, seguindo a orientação de Roger Chartier<sup>2</sup>, que afirma que a história cultural tem por objetivo "(...) identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler." O primeiro caminho para identificar esta realidade social se refere às classificações, delimitações e divisões que promovem a organização e apreensão do social e que vão possibilitar a percepção do real. As classes sociais ou os meios intelectuais vão produzir valores diferencia-

dos de acordo com cada grupo. Essa produção vai criar figuras que poderão dar sentido ao presente, tornar o outro inteligível e o espaço revelado.

É importante destacar que este trabalho é descritivo e não interpretativo, pelas poucas bibliografias sobre o Estado e pela dificuldade de acesso à fonte. Os periódicos consultados estão na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro num acervo digitalizado e alguns num estado avançado de decomposição, o que fez com que ficassem ilegíveis. Outro problema encontrado foi a irregularidade das edições. Nenhum periódico conta com a série completa de seus números, embora fossem semanais, às vezes faltam tantos números, que não se tem certeza de terem realmente esta periodicidade. Pela distância geográfica e temporal devem ter sido extraviados ou perdidos, o que levou a uma perda no conteúdo das discussões e uma impossibilidade de aprofundamento do estudo. Por tratar-se de uma região específica sem conexão com outras realidades do Brasil e pela bibliografia escassa, o trabalho não pôde ser comparativo, sendo necessário fazer um diálogo intenso com os autores que escreveram sobre o Nordeste e Rio de Janeiro, o que levou a uma perda das especificidades acreanas.

Os periódicos foram analisados de acordo com o contexto histórico-social em que foram produzidos. Com relação ao recorte temporal a pesquisa seguiu a série dos periódicos disponíveis de 1907 a 1917, das cidades acreanas de todas as regiões do estado. A formação social do Acre foi feita, a princípio, basicamente por homens, mas as mulheres estavam presentes. Torna-se difícil procurar traços da presença feminina num meio dominado pelos

<sup>1</sup>DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. Vol. 4. Porto Alegre: Afrontamento, 1991, p. 7.

<sup>2</sup>CHARTIER, Roger. *A história cultural – Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998, p. 16-17.

homens. Mas, nos periódicos pesquisados é clara a presença das mulheres. Frequentemente eram encontradas nas colunas sociais, policiais, trabalhando, comprando, vendendo. Assim, o estudo do cotidiano das mulheres no Acre é extremamente relevante para a sociedade pelo intuito de desnudar o passado e contar um pouco da história das mulheres, que significa também contar a história de todos que as cercaram e ainda, a história do Estado. Como diz Maria Odila Dias<sup>3</sup> sobre as mulheres de São Paulo: “A memória social de suas vidas vai se perdendo antes por um esquecimento ideológico do que por efetiva ausência dos documentos.”

### O Acre

Fugindo da grande seca de 1877 no Nordeste, grupos de nordestinos emigraram para a Amazônia. De acordo com Cristina Scheibe Wolff<sup>4</sup> em seu trabalho *Mulheres da Floresta – Uma história do Alto Juruá, Acre (1890-1945)* estima-se que só em 1878 cerca de cinquenta mil homens, mulheres e crianças emigraram para a Amazônia. Algumas histórias retratam a raridade da presença feminina no início da formação social do Acre e nos remetem às situações de disputas pelas poucas mulheres que havia. O pequeno número de mulheres redobrava a preocupação dos seringueiros<sup>5</sup> com sua defesa. Wolff<sup>6</sup> relata que era comum haver até roubo de mulheres. Numa dessas histórias, dois homens chegaram a um seringal<sup>7</sup> e avisaram ao marido que iam levar a sua mulher. Diante de um rifle carregado, o marido não teve outra alternativa senão deixar a mulher ir. Uma mulher em um seringal era considerada um objeto de luxo, que podia ser adquirida por quinhentos quilos de borracha<sup>8</sup> e para mantê-la, era preciso trabalhar mais, pois do contrário, o patrão<sup>9</sup> entregava para outro. Porém, nem sempre era fácil adquirir uma mulher por meio de compra. Mesmo existindo muitos relatos, havia a resistência por parte da mulher que muitas vezes sabia agir com astúcia para escapar da situação. Wolff<sup>10</sup> vai além e afirma:

Assim, apesar dos contornos violentos que essas relações assumiam, as mulheres não se portavam simplesmente como vítimas da situação. Talvez se possa até mesmo afirmar que elas sabiam tirar algum proveito dela, já que com a “escassez” de mulheres, acabavam podendo “escolher” seus companheiros.

A presença feminina era tão rara e valorizada por alguns que provocava situações bastante curiosas. Glimesdes Barros<sup>11</sup> conta a história da morte de um homem, que por acidente, foi esmagado pelo tronco de uma árvore; a notícia se espalhou e logo chegaram os seringueiros que viviam pelas redondezas. Um dos que chegou por último, cumprimentou os presentes e pôs-se a admi-

rar o “inerte e deformado corpo da viúva em prantos”. Após alguns minutos, ele se anima e pergunta-lhe: “- D. Isabel, a senhora quer se casar comigo? Entre soluços, ela responde: Não posso, já estou comprometida com o seu Serapião”. Essa raridade da presença da mulher e de sua valorização acabava por levar a acontecimentos terríveis, como o que conta Alfredo Lustosa Cabral.<sup>12</sup> O fato aconteceu no seringal São Raimundo, no Amazonas. Havia um seringueiro que chegou ao seringal com família composta da mulher, D. Júlia, e duas crianças. Trabalhou ali por três anos “sem poder libertar-se da conta que, dia a dia, avultava, contraída no barracão.<sup>13</sup>” Adoeceu. Sem poder trabalhar, acabou por viver da caridade de alguns que por ali passavam, pois o patrão não lhe vendia fiado. Nesse mesmo lugar morava um seringueiro, Paulino, trabalhador, econômico, que tinha conseguido acumular crédito com o patrão, que pensando na dívida do marido de D. Júlia [que apesar da pobreza, era uma mulher bonita], disse ao seringueiro com crédito: “- Se quiser pagar a conta daquele sujeito eu vou arranjar a mulher [dele] para você.” O seringueiro riu, como que consentindo, mas exclamou: “- Esse negócio de ficar com a mulher alheia não pode sair coisa boa!” Porém, o patrão disse que se ele pagasse a conta, tudo daria certo. O homem então procurou o seringueiro doente e fez a proposta: “- O Paulino é um rapaz muito bom, trabalhador e dispõe de um grande saldo em meu poder. Disse que paga a conta de vocês, arranja mais dinheiro para a viagem à Paraíba, nas condições de ficar com D. Júlia.” Nesse momento, um silêncio imperou no ar, até que o seringueiro falou: “- Se Júlia aceitar eu também aceito.” Esta por sua vez “aquiesceu”. Assim, foi feito o pacto. Na noite em que iria ser realizado o casamento chegaram o marido que iria viajar pra cuidar da saúde e a mulher para se apresentar ao patrão. Na festa, D. Júlia dançou bastante, pois só existia ela e mais outra mulher, sendo parabenizada por todos. “À meia-noite, Paulino desceu com D. Júlia a escada do barracão e foi visitar a fogueira que estava prestes a terminar. Ali palestravam sobre a nova vida que iriam encetar dessa noite em diante.” Enquanto conversavam receberam um “tiro de bacamarte pelas costas, que os deitou por terra. Caíram abraçados na beira da fogueira.” Paulino recebeu mais de trinta tiros e Júlia três. “É que o legítimo marido, ao deparar os noivos ao clarão da fogueira confabulando, irou-se, arranhou um bacamarte velho, carregou-o e mandou-lhes o tiro de misericórdia na certeza de exterminá-los de uma vez.” No dia seguinte, o patrão, talvez tendo consciência do seu erro, mandou levar o criminoso para embarcar para sua terra, não o entregou à polícia. “Os noivos escaparam, mas tiveram de passar mais de três meses acamados sem poder dar água um ao outro”.

Cabral ressalta que Júlia era “um tipo atraente,

<sup>3</sup>DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 13.

<sup>4</sup>WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta – uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

<sup>5</sup>Aqueles que manipulavam a extração do látex para o fabrico da borracha.

<sup>6</sup>WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta – uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945)*.

<sup>7</sup>Local que contém grande concentração de seringueiras, árvores de corte de seringa, de onde se extrai o látex.

<sup>8</sup>Substância elástica feita do látex coagulado, extraída da seringueira (*Hevea brasiliensis*).

<sup>9</sup>Denominação que se dava aos proprietários e administradores dos seringais.

<sup>10</sup>WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta – uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945)*, p. 73.

<sup>11</sup>BARROS, Glimesdes Rego. *Nos confins do extremo oeste. A presença do Capitão Rego Barros no Alto Juruá, 1912-1915*. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1986, p. 183.

<sup>12</sup>CABRAL, Alfredo Lustosa. *Dez anos no Amazonas. (1897-1907)*. 2 ed. Brasília: Senado Federal, 1984, p. 71-3.

<sup>13</sup>Local onde se comprava produtos de primeira necessidade, era a sede do seringal.

simpática, bonita mesmo”. A beleza da mulher em algumas situações acabava por levar a vários conflitos, principalmente em comunidades pobres e onde havia um número reduzido de mulheres. Miridan Knox Falci<sup>14</sup> falando sobre o casamento de mulheres pobres no sertão nordestino, afirma também que “A mulher muito bonita despertava desconfiança: poderia despertar traição ou desejo de outros homens”.

Semelhante situação acontecia na Europa. Segundo Thompson<sup>15</sup> havia casos de venda de mulheres em todas as regiões da Inglaterra nos séculos XVIII e XIX. A venda de uma esposa não era um caso fortuito e muito menos cômico. Era realizada em público e com cerimonial instituído como um leilão na praça do mercado. “(...) o que está envolvido é a troca de uma mulher entre dois homens num ritual que humilha a mulher tratando-a como um animal.”

Na sociedade dos seringais, a mulher não era só um objeto raro, mas uma mercadoria a ser comercializada, que podia ser “encomendada”, “vendida”, “pega na mata” ou “roubada” do pai ou do marido. Barros<sup>16</sup> conta que o Coronel Francisco Freire de Carvalho, seringalista<sup>17</sup> pioneiro na extração do látex nas bacias do Jurúá – Tarauacá, tinha uma filha, chamada Loló, que era exuberante, bonita e muito cobiçada. A moça era mantida sob rígido controle do pai. “A sua virgindade era motivo de preciosidade” ante o assédio dos homens, tanto novos, como mais velhos. A jovem acabou se apaixonando por um seringueiro e numa madrugada foi raptada por ele. Na manhã seguinte, quando deu por falta dos dois, o pai furioso mandou preparar uma canoa com armas, munição e alimentos. Saiu no rastro dos dois. Os amigos e empregados demoveram-no da idéia e ele desistiu. “Evidentemente, naquela altura, *consumatum est...* Restava agora aguardar a presença de um padre para regularizar a situação”.

Numa região onde as distâncias eram muito grandes entre os seringais, entre a colocação<sup>18</sup> de cada seringueiro e o barracão e entre o seringal e a cidade, havia carência de tudo, inclusive de assistência espiritual ou de no caso em questão, um religioso para conceder a benção às inusitadas uniões. O historiador Leandro Tocantins<sup>19</sup> relata a história do “Padre Leite” de Lábrea no Amazonas, que visitava anualmente o rio Acre para ministrar os sacramentos, ficou famoso na região como o inventor do “casamento pelo rumo”, que acontecia quando o seringueiro o procurava para combinar o casamento, mas a noiva não chegava com o cidadão. O sacerdote tornava mais simples o sacramento perguntando qual era o rumo certo da barraca<sup>20</sup> da “eleita”. Uma vez indicado, apontava em direção da mesma, proferindo a benção. “Dizem que ele, com esse método singular, tinha em mira diminuir os casos de mancebia”.

Era comum que as mulheres exercessem os trabalhos domésticos, como cozinhar, criar galinhas e patos, pescar, limpar a caça e o peixe, cuidar da casa, do quintal e do roçado, entre outros. Um trabalho comum às mulheres, juntamente com os filhos, era a coleta de cocos ou corte de cavacos de certas madeiras para a defumação.<sup>21</sup> Apenas a coleta do látex não era comum ser feita pelas mulheres, ficando o trabalho do corte de preferência para o homem ou para algum filho crescido. Porém, mesmo não sendo comum, algumas mulheres faziam este trabalho. A classificação de “trabalho doméstico” tem ocultado, no decorrer da história, variadas modalidades de trabalho. É designado como trabalho, principalmente, atividades que são voltadas para o mercado. O que se faz além disso, não é considerado atividade laboral, como: cultivo de hortas e alimentos, cuidados com doentes e idosos, criação e ordenha de animais, produção de objetos necessários ao dia-a-dia como, óleo, banha, doces, sabão, velas, cestos, cerâmica, esteiras, redes, artesanato, costura de roupas, entre outros. São serviços ou produtos feitos para a família ou para outras pessoas, consumidos ou vendidos. Assim, o trabalho doméstico acaba por contribuir e muito para subsistência familiar e era fundamental para o equilíbrio financeiro e prosperidade da família.

Como afirma Cleuza Rancy<sup>22</sup>, a presença da mulher foi um elemento estabilizador na formação da sociedade dos seringais, pois fez com que a família daquele que ali nasceu, viveu e se desenvolveu “contasse com a participação ativa e permanente do trabalho feminino, não limitado às tarefas domésticas, mas decisivo nas atividades de lavoura para subsistência”. Existiram muitas formas de convívio doméstico, diferenciados de famílias nucleares e extensas, como relações de compadrio e estima; avós que criavam netos, homens que tinham várias mulheres, e mulheres que conviviam na casa de vários homens [o que nem sempre implicava em relacionamento sexual, mas troca de serviços], mulheres sozinhas chefiando famílias [filhos(as) adotivo(as) e crianças índias pegadas nas “correrias”] e vários homens sem mulheres, dentre várias outras formas.

Wolff<sup>23</sup> revela que o dia-a-dia na cidade era muito diferente da vida nos seringais. Na cidade, a população se dividia entre comerciantes, costureiras, sapateiros, pedreiros, carpinteiros, biscateiros, alfaiates, professoras, cozinheiras, lavadeiras, prostitutas e aqueles que viviam próximos à cidade trabalhando como agricultores, caçadores, entre outros. Com a crise nos seringais, com o preço da borracha cada vez mais baixo, esta população só fez aumentar e foram essas pessoas que iniciaram a formação das cidades acreanas.

<sup>14</sup>FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 263.

<sup>15</sup>THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 323.

<sup>16</sup>BARROS, Gilmendes Rego. *Nos confins do extremo oeste*. A presença do Capitão Rego Barros no Alto Jurúá. 1912-1911, p. 109.

<sup>17</sup>Proprietário dos seringais, que exploravam e organizavam a produção de borracha.

<sup>18</sup>Trecho do seringal onde havia uma barraca, que era a residência do seringueiro e algumas estradas de seringa.

<sup>19</sup>TOCANTINS, Leandro. *Formação histórica do Acre*. Vol. 1, 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 220.

<sup>20</sup>Denominação dada a casa, construída geralmente por uma palmeira chamada paxiúba.

<sup>21</sup>Processo de preparar a borracha, coagulando o leite da seringueira por meio de fumaça, transformando-o em uma sólida bola escura, chamada “péla”.

<sup>22</sup>RANCY, Cleuza Maria Damo. *Raízes do Acre (1870-1912)*. Rio Branco: M.M. PAIM, 1992, p. 131.

<sup>23</sup>WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta – uma história Alto Jurúá, Acre (1890-1945)*.

## A Imprensa

No final do século XIX o desenvolvimento do país foi assinalado e impulsionado pela vida urbana, a classe média e a burguesia permitiram o aumento das atividades culturais relacionadas à imprensa. De acordo com Nelson Werneck<sup>24</sup> o livro e o jornal surgem como exemplos desse progresso. A chegada do século XX, marca no Brasil a passagem da pequena para a grande imprensa. No Acre não ocorreu mudança, os jornais possuíam estrutura que beirava a precariedade e se manteve assim por muitos anos.

Nos primeiros quarenta anos, os jornais serviram principalmente à causa política. Somente no município de Xapuri, que em 1907 condensava o maior núcleo populacional e o mais desenvolvido da região, circularam 13 jornais diferentes entre 1907 a 1921. Os jornais eram dirigidos por homens, que geralmente eram profissionais liberais, que vindo de outros estados da Federação, se aventuraram a viver no Acre-Território e foram os grandes responsáveis pelas atividades intelectuais daquele período. Isolados na floresta lutando pela sobrevivência ou já nos povoados que formaram os primeiros núcleos urbanos, a comunicação no Acre era deficiente, mas extremamente necessária. O surgimento da imprensa se deu no período áureo do extrativismo da borracha e por mais que não tenha alcançado grande repercussão no conjunto da sociedade, pela carência de grupos letrados, foi de importância fundamental para a circulação de informações e formação de leitores. Nesta pesquisa, foram coletados dados dos periódicos das cidades acreanas de todas as regiões do estado, sendo: “O Cruzeiro do Sul” do município de Cruzeiro do Sul; “Acreano” de Empresa, “Porto Acre” de Porto Acre; “O Estado do Acre” e “Brazil Acreano” de Sena Madureira; “A Alvorada” e “O Departamento” de Vila Seabra e “Comercio do Acre”, “Alto Acre” e “O Acre” de Xapuri, no total de 101 exemplares, que circulavam semanalmente.

Apesar do objetivo de cunho político, via-se nos periódicos uma grande quantidade de notícias de caráter geral: administrativas, policiais, sociais, educativas e de interesse público. Não se sabe exatamente quem eram os leitores dos jornais, mas pelos conteúdos, acredita-se que quem tinha acesso era a parte mais favorecida da sociedade. Nos seringais os periódicos chegavam, evidentemente, só para os patrões; os empregados mais próximos, havendo interesse, tinham acesso depois que o patrão lesse.

Havia diversas colunas onde se podia ver mais claramente como era o dia-a-dia daquela sociedade em formação e em especial como as mulheres eram e viviam. Um se embebedavam e provocavam atentado ao pudor; outras escreviam poesias; outras trabalhavam como professoras, comerciantes, administradoras dos negócios da família; outras eram loucas, cantoras, atrizes, costureiras.

Todas viveram o seu tempo e mesmo por meio de jornais de interesse político, se pode ter uma idéia de como era o viver cotidiano.

## O Cotidiano

### O trabalho

Na Amazônia, nas duas primeiras décadas do século XX, as mulheres encontravam-se fortemente cercadas por uma educação tradicional e patriarcalista. O espaço doméstico era exclusivo das mulheres, enquanto o espaço público reservado aos homens.<sup>25</sup> No Acre, a maior área de atuação profissional das mulheres foi na educação. Segundo Lopes<sup>26</sup>, ser professora, nesse período, foi a profissão possível de ser exercida pela mulher na sociedade brasileira àquelas que ousassem ou precisassem sair do espaço doméstico. Lopes afirma ainda que no início do século XX no Acre, as mulheres conseguiram atuar de forma mais rápida como professoras, nas escolas, por ser um ofício propício às mulheres, pois a profissão era considerada como uma segunda mãe. Tanto em suas residências como nas escolas, as mulheres eram as mais atuantes. Vê-se muitos anúncios nos jornais oferecendo serviço.

#### Aula Primaria

Rosa Fidanza Dutra, professora normalista, previne aos Srs. chefes de família que resolveu criar uma aula primaria, em sua residencia, á Rua 6 de Agosto nº 4, para a qual aceita desde já allunos de ambos os sexos.  
Mensalidade módica.<sup>27</sup>

De acordo com Souza<sup>28</sup> desde a sua primeira organização política e administrativa em 1904, cada departamento do Acre recebia anualmente 200 contos de réis para serem investidos em obras públicas: prédios para a administração, pavimentação de ruas, escolas, tudo o que fosse necessário para o desenvolvimento do estado, porém esses recursos eram insuficientes. Escolas, por exemplo, não havia em número adequado em todas as cidades. Por conta da deficiência nesse sistema de educação e uma vivência restrita ao espaço doméstico, as mulheres tinham grandes limitações intelectuais, presume-se a vulnerabilidade dessas mulheres quando após a morte do marido ficavam sujeitas a toda sorte de golpes, como o descrito abaixo:

#### Um conto do vigário

Um advogado/firma induz a viúva a assinar escritura de doação em pagamento a um suposto débito do marido, e ela entregou TODOS os bens pertencentes ao espólio do seu marido – por quitação.<sup>29</sup>

Esse é o período em que as maiores cidades

<sup>24</sup>SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

<sup>25</sup>ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. “Memórias e imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910-1937”. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; e D’INCAO, Maria Ângela (orgs.). *A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM, 1995.

<sup>26</sup>LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. *Motivos de Mulher na Amazônia*. Produção de Escritoras Acreanas no Século XX. Rio Branco: EDUFAC, 2006.

<sup>27</sup>Periódico Comercio do Acre, cidade de Xapuri, Coluna: Inedictoriaes de 20/02/1916.

<sup>28</sup>SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *História do Acre: novos temas, nova abordagem*. 6ª ed.

<sup>29</sup>Periódico Acreano, cidade de Empresa de 29/09/1908.

brasileiras entram no processo de urbanização. Assim, esperava-se que os papéis sociais da mulher correspondessem às mudanças que se sucederam até final do século XIX. Além disso, as camadas superiores da população que viviam nos grandes centros urbanos brasileiros eram influenciadas pela cultura europeia e desejavam um ensino de melhor qualidade, que naquele momento era bastante inconsistente tanto na rede particular, como na oficial.<sup>30</sup>

Com as mulheres vivendo esse período de mudanças, a pergunta que se fazia era: como as mulheres passariam fora do lar durante todo o dia ou parcialmente e poderiam se ocupar com os filhos, maridos e a casa de forma satisfatória? Margareth Rago<sup>31</sup> lembra que a preocupação da época era: o que seriam das crianças, futuros cidadãos da pátria, se fossem abandonados nos anos mais importantes de sua formação moral? Essas questões levavam à demarcação de severos códigos morais para mulheres de todas as classes sociais, principalmente àquelas que iniciavam carreiras como médicas, advogadas e outras atividades. Mesmo as mulheres de boa condição social que conseguiam se formar, enfrentavam dificuldades para entrar no mercado de trabalho. No Acre havia mulheres que ao ficarem viúvas tomavam à frente a administração dos seringais. Outras, segundo Wolff<sup>32</sup> “(...) cuidavam da administração dos seringais que estavam em nome de seus maridos e pais mesmo durante a vida destes, em suas viagens (...), ou dividindo as tarefas dessa administração”.

### A mulher e as letras

No Acre, em 1909, na cidade de Sena Madureira, Miriam da Silva, convidada pelos editores, assume a Seção Feminina no periódico “O Estado do Acre”:

#### Seção Feminina

Bem compreendo a quanto me abalço, aceitando a direção desta seção, destinada a vós e somente a vós, minhas gentilíssimas leitoras. Já vai longe o tempo em que moralistas, (...) davam ao Diabo todas as mulheres doutoras, escritoras e compositoras; mas ainda hoje existe quem, apegado às tradições d'antanho, penso que a mulher se destina exclusivamente a família. (...).

Miriam da Silva.<sup>33</sup>

Mesmo que os textos femininos estivessem relacionados ao viver doméstico e demonstrassem limitação e ingenuidade nos pensamentos, era importante a participação feminina, pois era uma forma de desconstruir as barreiras intelectuais existentes e ocupar espaços na sociedade. Visto que os periódicos acreanos do período eram patrocinados pelos seringalistas, imagina-se o quanto foi difícil o exercício da escrita para os homens, quanto mais

para as mulheres que não tinham acesso à educação. Porém, por mais rara que fosse a participação da mulher nos jornais, ela existiu. Com uma vivência circunscrita à vida doméstica, não se poderia esperar que escrevessem sobre assuntos que fugissem a essa realidade. Assim, falava-se do amor, do bem amado, da amizade, do casamento e por mais simplórias que fossem as palavras, era uma forma legítima de participação e de registro de suas idéias.

### A mulher sendo notícia

#### Parto

No Brasil, no meio urbano, a insalubridade, o grande número de pessoas pobres e mal alimentadas, a inflação dos preços dos bens de subsistência e os surtos epidêmicos de doenças como febre amarela (1850) e cólera morbus (1855), aumentaram o índice de mortalidade materna e da população infantil. A atenção à mulher que iria dar à luz se tornava um ato coletivo, devido à dramaticidade do momento. Um parto difícil movimentava mulheres de raças e condições sociais variadas em torno do sofrimento, que enchia de apreensão toda a comunidade. O ato era envolto de significados. “A participação de outras mulheres, a crença e a devoção religiosa, a exclusão de elementos supersticiosos e os recursos domésticos ou médicos revezavam-se para salvar mães e filhos.”<sup>34</sup> No passado a experiência do parto era vivida com dor e violência.

No Acre, no início do século XX, as parteiras eram a única referência na hora do parto. No exercício do seu trabalho chegavam aos lugares mais remotos, às vezes enfrentando dias de viagem de barco ou no lombo de animal, atravessando rio a nado, andando horas a pé, para aparar as crianças que estavam para nascer. A maioria das parteiras aprendeu a profissão por meio da mãe, avó ou parteiras antigas na comunidade. Elas preservam as tradições culturais de concepção de vida de forma humanizada, de solidariedade, afeto e de respeito à mulher que está parindo e à vida que está nascendo.<sup>35</sup> O trabalho das parteiras era mesmo imprescindível, mas muitas vezes, impossível de ser realizado, pois não havia como atender a todas as mulheres, devido às dificuldades vividas por ambas. É claro que mesmo com toda sabedoria e dedicação, as parteiras tinham suas limitações, especialmente quando havia necessidade de procedimento cirúrgico. Muitas vezes para salvar a parturiente até os médicos recorriam à embriotomia, operação mutiladora realizada na época. Foi o que praticou um homem no distante seringal “Catubaba”, ao ver sua mulher entrar em trabalho de parto, sem conseguir parir naturalmente e sem ter ninguém que pudesse auxiliar naquela hora, ele mesmo:

(...) lança mão de um canivete, e depois de bem

<sup>30</sup>RAGO, Elisabeth Juliska. A ruptura do mundo masculino na medicina: médicas brasileiras no século XIX. *Cadernos Pagu*, n° 15. Campinas, 2000. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad15/n15a09.pdf> Acesso em: 13 mar. 2010.

<sup>31</sup>RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

<sup>32</sup>WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta – uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945)*, p. 80.

<sup>33</sup>Periódico O Estado do Acre, cidade de Sena Madureira de 06/11/1909.

<sup>34</sup>DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 218.

<sup>35</sup>Revista *Outras Palavras*, Rio Branco, 2000.

amollá-o resolve-se a praticar a extracção da creança, dissecando-a, isto é, tirando aos pedaços, até que, com essa operação selvagem, conseguiu extrair-a toda, e dando passagem a outro feto, pois Alexandrina, tinha duas creanças á nascer!<sup>36</sup>

Essa história fantástica revela que diante da ausência da parteira, as mulheres ficavam muito mais vulneráveis e sujeitas a toda sorte de acontecimentos. Neste caso a tragédia não foi maior porque, por haverem dois bebês, um foi salvo e a mulher também.

### Álcool

“Embragar-se pode ser um prazer; mais frequentemente revela uma dificuldade de viver.”<sup>37</sup> Essa é a frase que impacta o início do texto *A permanência renovada do desejo alcoólico* onde Alain Corbin afirma que o alcoolismo e a figura do bebedor solitário surgem no século XIX. No Brasil, desde o início do século XX o consumo de álcool passou a ser objeto de uma intensa intervenção reguladora por parte do Estado. Isso resultou em tratados internacionais, legislações específicas, procedimentos policiais, aumento excessivo do preço e do lucro comercial. As drogas sempre foram os instrumentos mais eficazes para se alcançar prazer ou para aplacar a dor. Não só a dor física, mas a dor da alma.

No Acre, nas colunas policiais, se vê várias notas sobre pessoas alcoolizadas nas ruas e várias delas são mulheres. É possível que o isolamento, a ociosidade na cidade em formação e o fácil acesso à bebida, levassem algumas ao exagero. A incompreensão com o ato e a recriminação sofrida, talvez gerasse a agressividade por parte dessas mulheres, que terminavam por infligir a moral, como no caso abaixo:

Pelo simples fato de ter-se embriagado e afrontado a moral no dia primeiro deste, foi depositada por uma noite, a moleca Maria Bebiana. Coitadinha!...<sup>38</sup>

### A vida urbana

A vida urbana no início do século XIX praticamente não existia no Brasil. O estilo de vida da elite que dominava o país recebia influência da aristocracia portuguesa. A chamada família patriarcal, onde o pai era o detentor do poder e comandava a todos, vivia na casa-grande e predominava na senzala. No fim do século XIX e início do XX a capital do país entra num processo de modernização e a idéia de “civilização” torna-se um bem a ser alcançado. Na *Belle Époque* do Rio de Janeiro o lazer foi, segundo Rosa Araújo<sup>39</sup>, o último acontecimento importante na socialização da mulher. A crescente urbanização levou ao aprimoramento dos meios de transportes e à comunicação e a isso se juntou o avanço educacional, estimulando a

mulher a ocupar o espaço público para divertir-se. Elas participavam dos jogos, feiras, romarias, eventos onde tinha música e dança. “Nos setores populares, as festividades religiosas são também oportunidades de lazer e interação social que se estendem ao longo do ano, de acordo com o calendário católico.” Era uma nova forma de diversão que surgia, agora, fora de casa.

### Café Cantante

Onde a população pode divertir-se. Aberto todo dia e toda a noite, onde há bebidas, de diversas qualidades e marcas, charutos, cigarros, comidas frias, etc.<sup>40</sup>

Pela propaganda que as casas noturnas faziam e pela chamada à diversão, percebe-se que já havia a mentalidade da importância da diversão. Abgvar Bastos<sup>41</sup> em seu romance do Acre descreve as festas na cidade de Empreza, aonde ia muita gente dos seringais para aumentar o consumo de fumo e cerveja. Fala da “Carvalho & Filhos”, uma casa de tavadagem muito bem freqüentada onde havia jogos e bebidas. O consumo de cerveja deveria ser bem intenso, pois havia até a fábrica da Cerveja – Lupial Princeza que funcionava em Xapuri desde 1910. As mulheres também participavam de festas, romarias e quermesses, embora fosse trabalho, também pode ser considerado como diversão, já que era uma atividade que fugia à rotina doméstica e uma forma de distração.

No Brasil, no início do século XX a maioria dos núcleos urbanos do interior se caracterizava por uma aparência descuidada, sendo impossível definir os limites entre zona rural e urbana. Frequentemente eram vistos vacas, cavalos e cabras pastando pela cidade, onde o capim crescia nas ruas e praças.<sup>42</sup> No Acre, não era diferente. Esta desorganização provocava problemas diversos. A ausência de uma administração eficiente e a falta de noções básicas de higiene levavam aos atos mais insanos, como o de enterrar uma vaca em plena rua e ainda deixar a pata de fora.

Enterraram, esta semana, uma vacca morta em plena rua Major Salinas; a cova era tão razea que ficou de fora a mão... da finada.

Depois de muito mau cheiro e muita reclamação dos moradores, os fiscaes fizeram com que o dono da carniça a queimasse, o que não impediu de tresandar até hontem.<sup>43</sup>

As mulheres que foram para o Acre no final do século XIX e início do XX chegaram movidas por sonhos de uma vida sem tantas dificuldades e privações. Na floresta, criaram formas de conviver com uma natureza tão diferente e adversa. Nas cidades as vivências foram outras. Diferentes atividades, ocupações, serviços, relações, modos de ver e se expressar. Não foram sem conflitos essas

<sup>36</sup>Periódico O Acre, cidade de Xapuri, 18/08/1907.

<sup>37</sup>CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: ARIÈS Philippe & DUBY Georges. *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à primeira Guerra. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2006, p. 579.

<sup>38</sup>Periódico Acreano, cidade de Empreza, Coluna: Echo da Policia, 24/03/1910.

<sup>39</sup>ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer*. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 86

<sup>40</sup>Periódico O Estado do Acre, cidade de Sena Madureira, Coluna: Postaes, 11/03/1909.

<sup>41</sup>BASTOS, Abgvar. *Certos caminhos do mundo*. (Romance do Acre). Rio de Janeiro: Hersen, 1927, p. 149.

<sup>42</sup>COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República*. Momentos decisivos. São Paulo: UNESP, 2007.

<sup>43</sup>Periódico Commercio do Acre, cidade de Xapuri, Coluna: Varias, 12/09/1915.

vivências. Viveram experiências difíceis. Tratadas como objetos, tiveram que se impor até mesmo por questão de sobrevivência e para alcançar aquilo que foram buscar, simplesmente, uma vida melhor.

### Tensões e violência

“Roupa suja se lava em casa” essa era a máxima da sociedade burguesa no século XIX. Segundo Michelle Perrot,<sup>44</sup> a valorização da auto-imagem e das aparências, o temor à exposição, o desejo de se mostrar uma figura respeitável, faziam com que os conflitos familiares fossem resolvidos no âmbito doméstico. As desavenças eram administradas com a maior diplomacia possível. “Pois sonha-se que os familiares apresentem uma imagem de entendimento mútuo, todos reunidos para uma foto de família, atestado perante outros e as gerações futuras da força e serenidade do clã.”

Já na classe mais empobrecida o acontecimento comum era o crime chamado passional, que na verdade era o exercício do sentimento de posse do homem pela mulher e geralmente cometido para vingar a honra ultrajada. Muitos casos são apenas de mulheres casadas ou solteiras que apresentavam resistência ao homem, por não quererem praticar relação sexual, arrumarem um amante, irem embora ou ainda reclamarem da infidelidade do companheiro ou porque são brutos, fracos ou cruéis. “Essas mulheres estão reivindicando, com uma vitalidade e uma franqueza surpreendentes, seu direito à liberdade de escolha e movimento (...)”<sup>45</sup> A mulher era a principal vítima dos mais variados tipos de violência dentro do âmbito familiar e fora também. O direito à vingança privada, de certa forma, admitido pelo júri da época, principalmente nos crimes chamados passionais (em especial os casos de adultério por parte das mulheres), passava a ser cada vez menos admitido pelos especialistas em criminologia do início do século XX que vêem nele um indício de primitivismo e até de insanidade mental.

No Brasil, no final do século XIX e início do XX quando o país passava pelo processo de modernização, as autoridades se esforçaram em impor hábitos civilizatórios à população. Segundo Rachel Soihet,<sup>46</sup> a família era motivo de preocupação, principalmente nos segmentos populares, no que se referia aos bons costumes, respeito às leis e às regras e convenções. “Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado (...)”. Na nova sociedade que surgia, era premente a inserção das mulheres, porém nos padrões estabelecidos pela classe dirigente. A nova ordem que se estabelecia tinha o amparo da medicina social, que garantia que a mulher era biologicamente frágil, recatada, as faculdades emotivas predominavam sobre as intelectuais e o instinto sexual esta-

va subordinado ao maternal. Já o homem tinha uma natureza racional, dominadora, ativa e uma sexualidade irreprimível. As características conferidas às mulheres justificavam que se requeressem delas uma atitude de obediência e um comportamento que não comprometessem sua honra. Segundo Mary Del Priore,<sup>47</sup> no século XIX a mulher era considerada com capacidade de reunir as melhores e as piores características. Essa duplicidade feminina se tornou “um grande tema literário.” Assim, a fidelidade feminina parecia ser a “grande” virtude que se exigia das mulheres, pois elas tinham uma forte tendência para a traição.

O Código Penal, a ação policial e judiciária eram os recursos usados pelo sistema em vigor e tinha por objetivo submeter, controlar e impor normas para as mulheres dos grupos populares. As ações impetradas não eram de instrução, mas sim de coerção e acrescentavam a isso os preconceitos referentes aos seus comportamentos, condições de classe e gênero. Assim, a violência estava sempre presente na vida dessas mulheres.

No Acre, embora as mulheres usufríssem de liberdade, pois se envolviam e trabalhavam nas festas e quermesses da igreja, e ainda como domésticas, cozinheiras, costureiras, comerciantes; havia a exigência de certos comportamentos, como de obediência ao homem. Em 1907 na cidade de Cruzeiro do Sul, desenrolou-se uma história com fim trágico, onde todo o conflito se deu pelo fato da jovem envolvida não acatar as ordens recebidas. O que mais chama a atenção nessa história é a intransigência e violência com que pessoas e autoridades agiram em relação à menina. A matéria do jornal tem como título “Origem de um crime – Como se faz um criminoso”. Uma jovem por nome Rosa vivia em companhia de um casal, mas fugindo, foi presa noutra localidade.

Rosa com seus 14 anos de idade, era uma leviana, uma grande namoradeira, sempre com dois ou três derrços; não lhe faltando concorrentes porque era uma bonita morena, de olhos negros tentadores.<sup>48</sup>

Rosa ficou grávida, e um rapaz, funcionário da Prefeitura foi acusado. Ele se diz inocente. Rosa também afirma que não foi ele o seu “desvirginador”, mesmo assim, ele é demitido e preso.

Arrumaram um “reparador de alheia falta” para casar com Rosa, que não o aceitou, mas mesmo assim foi obrigada a casar com um homem que tinha 4 vezes a sua idade. Rosa detestava o marido.

(...) e para vingar-se da imposição que sofrera, começou a prevaricar, primeiramente com cautela, depois desbragadamente. Varias vezes abandonou a casa e para retel-a Valentim teve ordem do Prefeito de castigá-la e acorrentá-la a um esteio.<sup>49</sup>

<sup>44</sup>PERROT, Michelle. Dramas e conflitos familiares. In: ARIÉS Philippe, e DUBY Georges. *História da vida privada. Da Revolução Francesa à primeira Guerra*. 10ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras. 2006, p. 273-4.

<sup>45</sup>PERROT, Michelle. Dramas e conflitos familiares, p. 277.

<sup>46</sup>SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 362.

<sup>47</sup>DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto. 2006, p. 187.

<sup>48</sup>Periódico O Cruzeiro do Sul, cidade de Cruzeiro do Sul, 06/01/1907.

<sup>49</sup>Periódico O Cruzeiro do Sul, cidade de Cruzeiro do Sul, 06/01/1907.

Um dia um soldado do exército libertou-a e a levou consigo. O marido teve autorização do prefeito para armar-se de um rifle e procurar a mulher; a polícia, também pôs-se a campo. O soldado é preso e espancado e Rosa é posta novamente na corrente.

“Dá-se a intervenção de várias pessoas.” Um tenente vai a casa, prende o marido, solta-a e leva a jovem à Prefeitura, “desgrinhada, lacrimosa, com a corrente ao pé.” O prefeito censura o oficial, liberta o marido e obriga a jovem a acompanhá-lo. O marido leva-a a força para o seringal, lá continuaram os desentendimentos. Posteriormente, em depoimento, o marido diria que Rosa entregava-se a qualquer pessoa que a procurava, mas nunca a ele. Segundo o autor da matéria “Rosa, porém era insensível às exigências matrimoniais daquele homem.” Numa noite o marido busca a mulher e ela o repele. Ele insiste e ela manifesta-lhe todo o seu desprezo. O marido pega um rifle e mata-a.

Ahi está como se faz um criminoso: o capricho de uma mulher e a fraqueza de uma autoridade foram as causas únicas desse infortunio, que começou em comédia e acabou tragicamente. E ainda há quem suspire pela volta dessa situação de violências e favoritismo feminino!...<sup>50</sup>

Não causa estranhamento que Rosa fosse tratada como adulta, mesmo tendo apenas 14 anos. Essa era a prática comum no início do século XX. Martha Abreu<sup>51</sup> relata um caso ocorrido no Rio de Janeiro em 1904, onde uma menina de 15 anos foi deflorada por um homem. No julgamento do acusado, o advogado de defesa diz que a mulher [se referindo à menina] é um animal perverso quando vive num meio “viciado” e ainda a chama de “menina perdida” por ter sido deflorada.

O termo “menina perdida” dá um sentido ambíguo e mostra o ínfimo limite entre o estado de ser criança ou ser mulher, diante do ato sexual antes do casamento. Já que a idade define a condição de menoridade da violentada, esta deveria ter assegurada a sua proteção, devido estar na fase anterior à idade adulta, num momento de transição da infância para a adolescência. As meninas ofendidas, quase sempre faziam parte dos setores empobrecidos, eram consideradas e tratadas como mulheres pela maior parte dos juristas e também por seus iguais.

Rosa, sem pai ou mãe, vivia com um casal e insatisfeita, pois fugiu da casa que vivia. Ao perder a virgindade, levou uma grande preocupação aos seus protetores. Cláudia Fonseca<sup>52</sup> ao falar da mulher pobre do final do século XIX diz que havia uma ameaça comum a todas: a de se tornar uma “mulher decaída”. E isso acontecia com a moça ao perder a virgindade. A pureza sexual era imprescindível. Por isso a responsável por Rosa

arrumou-lhe um esposo, pois uma mulher para ser honesta deveria casar, e para casar era preciso ser virgem. Segundo Fonseca “O próprio Código Civil previa a nulidade do casamento quando constatada pelo marido a não-*virgindade* da noiva.”<sup>53</sup> Assim, Rosa conseguindo casar, mesmo estando grávida, poderia se considerar uma mulher de muita sorte. Não foi o que aconteceu, Rosa rejeitou o marido e isso lhe trouxe conseqüências trágicas.

O redator do jornal é bastante rigoroso em seu texto quando diz que a menina era leviana e uma grande namoradeira, mesmo aos 14 anos e parece que quer reafirmar a levandade de Rosa ao citar o depoimento do marido que disse que ela se entregava a todos, menos a ele. E é bastante tolerante com o esposo, pois diz que por Rosa não querer manter relação sexual com o marido é insensível às exigências dele. Para a sociedade da época o dever da mulher era sempre obedecer, porém nem todas estavam dispostas a cumprir este papel.

O estereótipo do marido dominador e da mulher submissa, próprio da família da classe dominante, não parece se aplicar *in totum* nas camadas subalternas. Muitas mulheres assumiam um comportamento negador de tal pressuposto.<sup>54</sup>

Muitas reagiram a atitudes de prepotência e violência do sexo oposto e pagaram caro por isso, algumas com a própria vida. No caso de Rosa, a protagonista da história, houve vários agravos além da rejeição ao marido e da manifestação de desprezo por ele no final, provavelmente com palavras duras e ainda teve a traição, que como relata a matéria se deu com vários homens. E como era comum a infidelidade feminina ser punida com a morte, onde o homicida ainda se beneficiava com a argumentação de que se encontrava em estado de privação dos sentidos ao cometer o crime, quase sempre o assassino era absolvido no julgamento. “Na prática, reconhecia-se ao homem o direito de dispor da vida da mulher.”<sup>55</sup> Rosa de Araújo<sup>56</sup> destaca que os crimes de adultério eram legitimados no pensamento popular em nome da defesa da honra.

O [jornal] *Correio da Manhã*, em 1907, comentando um crime, condena a mulher adúltera, que “desceu do seu elevado posto de mulher-esposa, tornando-se mulher-prostituta”. Justifica o crime pelo “desvario” do marido, desafiado em sua honra viril.

Não é só a dificuldade de relacionamento que levava ao conflito e à violência. A ameaça do rompimento da hegemonia do poder masculino era fator que desencadeava o desentendimento. O marido reagia sem culpa ao ver abalado os valores em que acreditava. Daí, acontecia toda sorte de pressões, ofensas, agressões e violência.

No Rio de Janeiro do início do século XX havia

<sup>50</sup>Periódico O Cruzeiro do Sul, 06/01/1907.

<sup>51</sup>ABREU, Martha. Meninas perdidas. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 2007, p. 289.

<sup>52</sup>FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 528.

<sup>53</sup>FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre.

<sup>54</sup>SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano, p. 376-7.

<sup>55</sup>SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano, p. 382.

<sup>56</sup>ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*, p. 136.

mais homens do que mulheres, o que afetava o relacionamento entre homens e mulheres, produzindo várias conseqüências como o surgimento de uma rede de solidariedade entre parentes, amigos, compadres, o que muitas vezes levava a interferências externas na vida do casal. Outro fato era a competição entre os homens, pelo fato de existirem menos mulheres. “Todos estes fatos talvez indiquem uma menor durabilidade, e talvez até instabilidade, nas relações homem-mulher entre essas pessoas (...)”.<sup>57</sup>

No Acre esta competição era tão acirrada, que tornava as relações conflituosas, violentas e trágicas. Como mostra a história a seguir.

#### **Tentativa de assassinato Seringal “Victoria”**

O amigo chega na barraca do outro, “onde tinha muita intimidade, por ser passagem para a sua barraca” trazendo uma garrafa de vermuth e outra de genebra, ofereceu ao amigo e a sua companheira para abrir o apetite. Enquanto a mulher terminava o almoço os dois beberam quase a garrafa toda. Após o almoço o visitante ficou pensativo e de repente se despediu e saiu, voltou minutos depois reclamando o resto do vermuth que deixara na garrafa. Se retirou novamente, quando Julia, a mulher, sentada em uma rede conversava com seu companheiro, ouviu um estampido de um tiro de rifle e logo em seguida viu tombar seu companheiro com um ferimento na frente direita e ela com um dedo cortado pelo estilhaço da garrafa que tinha na mão, espatifada pela bala. O atirador foi preso. O ferimento foi considerado grave. A causa do criminoso não foi identificada pelas divergências das testemunhas, mas o delegado está inclinado a julgar que a verdadeira causa é a esposa, que segundo informações, não goza de bom nome no seringal. A policia prossegue as diligencias.<sup>58</sup>

Nesse episódio, a motivação para o crime, foi provavelmente, o interesse do amigo em sua mulher, embora não houvesse evidências. Mas, mesmo as testemunhas divergindo de opinião, o julgamento caiu sobre a esposa, que como relata a matéria não gozava de boa reputação. O que teria feito para receber essa avaliação? O que tivesse feito, todos saberiam, pois não se encobre por muito tempo, atos tão reprováveis num seringal. O que parece haver era uma discriminação à figura feminina. Analisou-se: Se houve algum delito que precedeu o crime, provavelmente, deveria ser da mulher.

Algumas notícias mostram que em alguns conflitos o homem também era vítima, é o que nos relata a nota abaixo:

Durante a semana que se findou foram recolhidos ao xadrez da Delegacia de Policia: Policronio Lagos e Antonietta Marques, porque, depois da forte alteração entre ambos, aplicou Antonietta

ao pobre do Policronio “chá de umbigo de boi”.<sup>59</sup>

O fato que antecedeu a prisão do casal foi uma surra que Antonietta deu no Policronio. O “chá de umbigo de boi” é feito com o órgão genital do boi, que é colocado pra secar e depois de seco fica aproximadamente do tamanho de um palmo de comprimento ou um pouco menor. Depois é amarrado na ponta de um chicote. Fica como uma lixa. Quando chicoteado nas costas da pessoa, para cada lapada o sangue brota imediatamente. Como se vê, a violência não era característica apenas dos homens, conflitos pessoais com atos extremos como esse, viravam casos de policia.

Diante do fato de haver no Acre muito mais homens que mulheres, a mulher era, como já foi dito, considerada objeto raro e de valor. O que acabava por favorecer a situações um tanto quanto inusitadas, como a do homem que vendeu a própria companheira por um tanto de borracha<sup>60</sup>, porém ao receber o produto viu que ele era de má qualidade e não o aceitou como pagamento. Criou-se a contenda que foi parar no Juiz de Paz. Ouvindo os protestos da mulher, o juiz decidiu que esta não ficaria com nenhum dos dois.

#### **Considerações Finais**

Analisar o cotidiano das mulheres no Acre, no início do século XX, por meio de periódicos, não é tarefa fácil. Os periódicos da época eram todos de cunho político, a maioria dos que escreviam buscavam mostrar à região e ao restante do país que o Território do Acre poderia se tornar um Estado da Federação Brasileira. Mas mesmo assim, esses periódicos são uma preciosa fonte documental, pois expõem os discursos dos profissionais e ainda são, mesmo com limitações, abertos à participação da sociedade. Assim, podemos ter uma idéia do dia-a-dia da população: no que trabalhavam, como se divertiam, que dificuldades enfrentavam, os conflitos que viviam em suas relações pessoais, a violência que sofriam e praticavam; a vida em todas as suas dimensões.

Os homens e mulheres ao se dirigirem para a região Amazônica, fugindo da grande seca que assolou o Nordeste em 1877, enfrentaram inúmeros perigos na floresta. Além de sobreviver, desejavam também enriquecer extraindo o látex das seringueiras. Eram pessoas rudes, com pouco estudo, mas repletas de vigor e coragem. Com o declínio da produção da borracha, muitas dessas pessoas saíram da floresta e se estabeleceram em vários povoados, algumas vieram de outros estados e juntos formaram os núcleos urbanos. O sistema que vigorava, tanto nos seringais, quanto nesses núcleos urbanos era o patriarcal. Os homens dominavam e as mulheres se subordinavam. É claro que houve resistências, como já foi visto, mas não era a regra. Nesse contexto de dominação masculina pouco foi escrito sobre as mulheres, o que nos remete aos estudos de Rachel Soihet e Joana Maria

<sup>57</sup>CHALHOUB, Sidney. *Trabalho Lar e Botequim*. 3ª reimpressão. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2008, p. 213.

<sup>58</sup>Periódico Alto Acre, cidade de Xapury, 23/11/1913.

<sup>59</sup>Periódico Alto Acre, Coluna: Pela Policia, 23/11/1913.

<sup>60</sup>História colhida do Periódico O Acre da cidade de Xapury, 20/04/1913.

Pedro quando afirmam que o estudo tardio da “mulher” ou “mulheres como categoria analítica na pesquisa histórica se deveu ao uso da categoria “homem” como sujeito da história. “Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não correspondia à realidade.”<sup>61</sup> Desde a década de 1970 os estudos sobre a história das mulheres e o conceito de gênero usado por Joan Scott vieram para dar destaque à relação entre mulheres e homens, pois não se poderia compreender o papel social de qualquer um dos dois em separado.

Assim, as mulheres que viveram na região acreana no início do século XX viveram relações conflituosas, mas também de parceria com os homens, e ocuparam seus espaços, talvez de forma tímida, mas não ficaram reclusas em casa cuidando apenas das questões domésticas. Foram professoras e diretoras de escola. Atuaram como médicas, parteiras, professoras de piano, costureiras, cozinheiras, cantoras, atrizes. iam a festas, restaurantes, casas de dança, teatros, cinemas, cassinos. Bebiam e se embebedavam, espancavam seus companheiros, fugiam de casa, eram presas, matavam para defender-se. Recebiam homenagens, escreviam para os jornais, demonstrando suas idéias. Viveram conflitos com maridos, pais, amigos. Foram virgens, cobiçadas, disputadas, vendidas, assassinadas. Assim, os jornais que registraram as diferentes facetas do cotidiano dessas mulheres, revelaram a importância do seu papel na constituição e desenvolvimento daquela sociedade.

Conclui-se que as mulheres no Acre existiram e resistiram. Em meio à grande floresta ou na formação das primeiras cidades, foram agentes históricos de adaptações, transformações e resistências. Dividiram-se em grupos sociais muito distintos; trabalharam, geraram filhos, educaram e produziram junto com os homens a riqueza daquele Estado que nascia. É verdade que houve conflitos, tensões, injustiças e algumas dessas notícias saíam nos jornais, e mesmo que o objetivo maior dos redatores dos periódicos fosse mostrar quão civilizado e preparado para se juntar ao restante do país, como um igual, o Acre estava; as mulheres tiveram participação importante neste intento.

<sup>61</sup>SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana M. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*. Vol. 27, n° 54, p. 284.